

CIRCUNCISÃO

Esta palavra deriva-se do latim e significa literalmente “cortar em volta”. A referência bíblica é a uma cirurgia na qual o prepúcio (pele que cobre a glândula do pênis do homem) é removido. Hoje, a maioria dos bebês nascidos no mundo ocidental passa por esta simples operação na infância, por considerações higiênicas.

Nos tempos bíblicos, a circuncisão era amplamente praticada entre os semitas do ocidente, incluindo os hebreus. Muitas referências sugerem que a circuncisão se tornou uma marca racial e de orgulho cultural. Os filisteus, e mais tarde os gregos, foram mencionados de forma zombeteira como os “incircuncisos” (Jz 14.3; 15.18; 1Sm 14.6; 17.26; 2Sm 1.20; 1Cr 10.4; At 15.1; Gl 5.1-12). Os hebreus parecem ter percebido que a circuncisão promove asseio. Com o tempo, a prática adquiriu uma conotação espiritual, sugerindo que o circunciso era santo, enquanto que o incircunciso era espiritualmente corrupto. Além disso, entre os judeus a circuncisão parece ter exercido uma função análoga à do batismo cristão. Era um sinal ou símbolo de purificação e compromisso para com o relacionamento de aliança com Deus. Para alguns pensadores rabínicos ela se tornou mais do que um símbolo; tornou-se uma necessidade. Um homem deveria ser circuncidado para ser membro da comunidade da aliança. Uma relação de causa e efeito foi visualizada. Esta crença foi transferida para a Igreja Primitiva e se tornou um importante ponto de discussão nas primeiras décadas. Paulo foi incomodado com este assunto através de seu ministério (At 15; 16.1; 21.17-32; Gl 5.1-12).

A circuncisão encontrou aceitação entre as sociedades primitivas vastamente dispersas pelo mundo. Antropólogos têm descoberto tribos na América, África e Austrália praticando este rito.

1. Teorias da Origem. É atribuída a Yahweh a introdução da circuncisão como sinal da aliança (Gn 17.10-14). O derramamento de sangue, o cortar, é universalmente associado com o estabelecimento de uma aliança, tanto no AT como no mundo antigo. Tendo sido dada dentro do cenário do fracasso de Abraão em ter filhos com Sara, a circuncisão pode ter significado simbolicamente: estou submetendo minha capacidade de procriação e meu futuro a Yahweh; estou me tornando totalmente dependente dele; se eu tiver descendentes suficientes para que venha a ser uma grande nação será pelos feitos de Yahweh, não meus próprios. Podemos bem imaginar que este foi o supremo sacrifício para o patriarca. Esta teoria da origem é chamada:

A. Operação sacramental. Estudos sobre práticas de circuncisão, feitos pelos antropólogos, têm resultado em várias teorias naturalísticas sobre a origem desta prática. Visto que Gênesis 17.10-14 é atribuído ao Código Sacerdotal pelos críticos textuais, alguns estudantes questionam a autenticidade deste registro. Além disso, a arte egípcia de túmulos descreve a prática da circuncisão como anterior à curta passagem de Abraão lá. Abraão deveria estar familiarizado com esta prática antes dos eventos descritos em Gênesis 17. Consequentemente, a eficácia e honestidade exigem a consideração destas outras teorias.

B. Operação higiênica. Na antiguidade Heródoto sugeriu que a explicação para a prática egípcia seria a de higiene pessoal. Certamente, o prepúcio pode ser um incubador e carregar sujeiras e doença social. Entretanto, esta explicação não leva em consideração a identificação universal da circuncisão com sacrifício religioso.

C. Marca tribal. Muitas pessoas fazem tatuagem ou cicatrizes para que sejam facilmente identificados por outros membros de suas tribos. Com a nítida distinção feita pelos hebreus entre circuncisos e incircuncisos, certamente a circuncisão compartilhou desta função na vida hebraica. Entretanto, como a marca da circuncisão não poderia ser prontamente percebida em situações normais, esta não pode ser a explicação primária para a origem desta prática.

D. Rito de passagem. Muitas tribos ao redor do mundo têm praticado a circuncisão como parte de uma cerimônia que marca a passagem de machos da infância para a fase adulta. Geralmente isto ocorre perto da época da puberdade. Alguns estudiosos têm sugerido que esta tenha sido a origem desta prática entre os hebreus, sendo subsequentemente mudada para a infância devido ao sofrimento envolvido neste ato. Não há verdadeira base textual para esta reconstrução. Os judeus estabeleceram o oitavo dia (Gn 17.11,12; Lc 1.59) como o tempo para a circuncisão. Para os convertidos ao judaísmo, entretanto, a circuncisão era algo como um rito de passagem. Ela marcava seu compromisso e entrada no relacionamento de aliança com Yahweh. Infelizmente, como pode ser observado em Jeremias 4.4 e Deuteronômio 10.16 e 30.6, muitos dos judeus naturais eram circuncidados fisicamente, mas falhavam em perceber o significado simbólico e espiritual deste ato.

E. Sacrifício humano vicário. Com o fim da prática de sacrifício humano, uma grande porção de cada macho era sacrificada como uma oferta substitutiva. Entretanto, não há evidência de que os hebreus praticassem sacrifício humano, exceto talvez por grupos apóstatas sob a influência de religiões pagãs (Lv 18.21; Ez 16.20). É a opinião deste autor que, embora algumas destas teorias possam estar relacionadas às razões que apoiem a prática da circuncisão, não há nenhum motivo que nos obrigue a rejeitar o relato da origem como é mostrado em Gênesis 17.10-14. A circuncisão era uma operação sacramental. Compromissos são assumidos mediante o sangue entre os povos da antiguidade. Alianças são seladas mediante o derramamento de sangue. A circuncisão, o cortar do órgão genital de alguém, simbolizava a dependência última de uma pessoa de Yahweh e comprometimento com sua vontade. Entendida corretamente, a circuncisão é um rito muito significativo.

II. A prática judaica. O rito da circuncisão era um sinal de que alguém era membro da comunidade da aliança. Não há motivo para duvidar de que a prática tenha surgido com a origem da nação hebraica. Vários relatos antigos acerca da circuncisão são de interesse aqui, embora apareçam em passagens difíceis.

Primeiramente, há o relato em Gênesis 34 acerca dos siquemitas submetendo-se à circuncisão e sendo, subsequentemente, assassinados. Este registro confirma a argumentação de que a circuncisão foi adotada bem cedo. Também indica que outros semitas foram vagarosos no adotar esta prática.

Em segundo lugar, há o relato da circuncisão de Moisés e/ou de seus filhos (Êx 4.24-26). Esta é uma passagem muito difícil. Da forma como é apresentada, logo após uma profecia dos eventos da primeira Páscoa, esta parece ter sido uma lição para Moisés acerca do poder de Deus e da seriedade da tarefa apresentada a ele. Aparentemente, Moisés não havia ainda trazido seus filhos para a aliança mediante a circuncisão.

Em terceiro lugar está o relato sobre Josué circuncidando todos os machos hebreus, quando entraram na terra e preparavam-se para a conquista (Js 5.2-7). Como o antigo escritor explica, este foi o momento de juntar os diversos grupos que haviam constituído a multidão do Êxodo e transformá-los em um grupo unido. Aqui a circuncisão torna-se uma “marca tribal”.

Em quarto lugar está o “dote” de Davi para ter a filha de Saul, Mical, como esposa, 200 prepúcios de filisteus, duas vezes mais do que o requerido por Saul (1Sm 18.20-29). Esta foi uma proeza de valor e de desdém pelo inimigo. A circuncisão é ordenada nos códigos da lei apenas de passagem, como parte de uma referência à Páscoa (Êx 12.48), e nos ritos de purificação que se

seguem ao nascimento (Lv 12.3). O fato de que a ordem é raramente apresentada parece indicar que a circuncisão era uma prática amplamente aceita, não exigindo longas prescrições.

Nos tempos de Jesus, a circuncisão era realizada no Templo ou na sinagoga, por um sacerdote. Antes disto, era uma atividade familiar, realizada em casa. É interessante notar que a tradução literal de avô é *aquele que circuncida*. Talvez fosse ele quem habitualmente praticasse este ato nos filhos de suas filhas. Também, nos tempos de Jesus, o ato de dar nome à criança era parte da cerimônia da circuncisão.

Entre os judeus a circuncisão era uma marca de distinção. Os incircuncisos eram vistos com desprezo. Esta atitude etnocêntrica deixa para trás a controvérsia sobre a circuncisão na igreja cristã.

Este etnocentrismo também cegou a muitos quanto ao sentido real do rito, o qual se tornou uma forma de prática religiosa externa, carecendo de conteúdo espiritual. Como tal, foi condenado pelos profetas. Jeremias tentou alcançar o sentido real da prática ao introduzir o conceito de “coração circunciso” (Jr 4.4). Seus contemporâneos acreditavam que Deus estava do lado deles. Mas não era assim, clamava Jeremias. A religião deve ser internalizada. Os símbolos não podem ser esvaziados de seus significados, nem se pode permitir que permaneçam sozinhos. O significado da circuncisão deveria ser o de simbolizar um compromisso de alguém para com a vontade de Deus, continuamente. É um sinal externo de um coração, o âmago da personalidade de alguém, dedicado a fazer a vontade de Deus. Paulo assume esta linha de pensamento em Romanos 4.9-13, onde ele argumenta que a circuncisão não é a causa da promessa de Deus a Abraão; antes, é um ato de fé simbolizando a confiança de Abraão na capacidade de Deus de fazer o que prometeu.

A história da circuncisão ilustrou um dos paradoxos mais básicos que contaminam a religião. O homem precisa de símbolos como meio de expressar a fé religiosa. Repetidamente, porém, os símbolos se tornam fins em si mesmos, perdendo seu propósito e seu poder originais. Os símbolos devem ser renovados periodicamente ou então descartados.

III. Controvérsia na Igreja Primitiva. Os cristãos da primeira geração eram judeus. Muitos, se não a maior parte deles, continuaram a frequentar as sinagogas e o Templo (At 5.42; 6.7). Eles não se consideravam uma nova religião, mas sim um movimento de reforma dentro do Judaísmo. O assunto central nos primeiros capítulos de Atos é a questão se Jesus era ou não o Messias. Mesmo durante a perseguição dirigida por Saulo (Paulo), os cristãos permaneceram dentro de Judaísmo (9.1,2). A marca essencial de distinção era a experiência do poder e atividade do Espírito Santo na vida deles.

Entretanto, à medida que o número dos convertidos dentre os gentios começou a se multiplicar, uma grande controvérsia surgiu (At 10-15). Essencialmente o problema era este: visto que a circuncisão é a marca do povo da aliança e visto que Cristo trouxe e está trazendo o cumprimento das promessas da aliança, não seria necessário que alguém fosse circuncidado (tornando-se um judeu prosélito) para participar das promessas? Em outras palavras: é necessário que alguém se torne judeu antes de poder ser um seguidor de Cristo? Em Jerusalém foi formado um “partido da circuncisão”. Contra este grupo estavam Paulo e seus seguidores. Pedro parece ter vacilado neste assunto (At 11.15; Gl 2).

O relato sobre o primeiro concílio da igreja está registrado em Atos 15. Embora existam alguns problemas de harmonização, Gálatas 2 é geralmente considerado como o relato de Paulo sobre este concílio (alguns acreditam que Gálatas 2 esteja se referindo a uma visita anterior de Paulo a Jerusalém, mencionada em Atos 11.27-30). Aqui Paulo ganhou o apoio dos líderes da igreja. A circuncisão não foi mais exigida como pré-requisito para alguém ser reconhecido como membro da comunidade cristã. Os

únicos requerimentos eram: abandonar a adoração pagã e fugir da imoralidade (At 15.19-21).

Embora Paulo tenha obtido a vitória no concílio, o problema continuou a persegui-lo (Gálatas e grande parte de Romanos são dedicados a este assunto). Os judaizantes seguiam-no de cidade em cidade e finalmente conseguiram aprisioná-lo em Jerusalém, acusando-o de profanar o Templo, introduzindo ali um grego não-prosélito (At 21). É provável que a controvérsia acerca da circuncisão tenha feito Paulo repensar o conjunto do legalismo judeu e chegar a sua posição acerca da primazia da fé (Gl 2.15-21) e da morte sacrificial de Cristo. Neste sentido, a controvérsia em torno da circuncisão foi não somente a primeira, mas também a mais importante, controvérsia na história da igreja.

Paulo ensinou que o símbolo não deve ser confundido com seu significado. A fé, e não a circuncisão, era a base da aliança de Deus com Abraão (Rm 4.9-12). Circuncisão, pureza e compromisso em fazer a vontade de Deus são aquilo que deve ser desejado (Rm 2.29).

IV. Relevância da circuncisão para os dias atuais. Paulo declarou que a circuncisão não era para ser tida como o símbolo-chave da nova aliança. O que a substituiu? O Batismo (Cl 2.8-15) deve ser interpretado como tal. Todavia, ele sofre o mesmo perigo de ser confundido com aquilo que deve significar. Tanto Paulo quanto o autor de Hebreus evitam esta identificação óbvia. O sacramento mais apropriado é o da Ceia do Senhor, e Paulo assim rotula o cálice (1Co 11.25). A vantagem deste símbolo é a de que deve ser repetido regularmente durante a vida adulta. Consequentemente, o crente é confrontado repetidamente com o significado deste símbolo.

BIBLIOGRAFIA. T. Lewis, "Circumcision", *ISBE*, I (1915), 656, 657; R. Bultmann, *Theology of the New Testament*, I (1955), 108-114; R. Patai, *Sex and Family in the Bible* (1959), 195-204; J. P. Hyatt, "Circumcision" *IDB*, I (1962), 629-631. G. E. FARLEY

Enciclopédia da Bíblia, Editora Cultura Cristã